

A ILHA
MISTERIOSA

JÚLIO VERNE

A ILHA
MISTERIOSA

Tradução e adaptação
Andréia Manfrin Alves



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido e adaptado do original em francês
L'île mystérieuse

Revisão
Flávia Yacubian

Texto
Júlio Verne

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Tradução e adaptação
Andréia Manfrin Alves

Imagens
Mott Jordan/Shutterstock.com;
Andrey Burmakin/Shutterstock.com;
donatas1205/Shutterstock.com;
Theus/Shutterstock.com

Preparação
Luciene Ribeiro dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

V531i Verne, Júlio

A ilha misteriosa / Júlio Verne ; adaptado por Andréia Manfrin Alves.
- Jandira, SP : Principis, 2020.
416 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Literatura Clássica Mundial)

Adaptação de: *L'île mystérieuse*
Inclui índice.
ISBN: 978-65-5552-174-0

1. Literatura infantojuvenil. 2. Ficção. I. Alves, Andréia Manfrin. II.
Título. III. Série.

2020-2493

CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br


Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Primeira parte – Os náufragos do ar.....	7
Segunda parte – O exilado	163
Terceira parte – O segredo da ilha	289

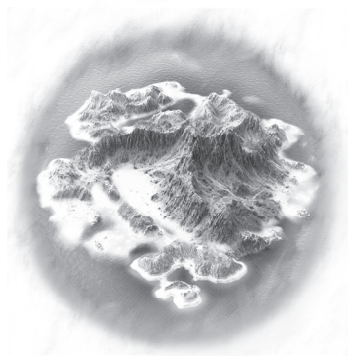




**PRIMEIRA
PARTE**

**OS
NÁUFRAGOS
DO AR**





Capítulo 1

- Estamos subindo?
- Não! Pelo contrário, estamos descendo!
- Pior do que isso, senhor Cyrus! Estamos caindo!
- Por Deus! Joguem os lastros!
- Pronto, nos desfizemos do último saco!
- O balão está subindo?
- Não! Estou ouvindo ondas se quebrando!
- O mar está debaixo do cesto!
- E deve estar no máximo a cento e cinquenta metros daqui!

Então uma voz potente rasgou o ar e estas palavras ecoaram:

- Livrem-se de tudo o que for pesado! E seja o que Deus quiser!

Foram essas as palavras que ecoaram no ar perto das quatro da tarde, acima daquele vasto deserto marítimo do Pacífico, no dia 23 de março de 1865.

Sem dúvida, ninguém se esqueceu do terrível vendaval do nordeste, no meio do equinócio daquele ano, quando o barômetro caiu para setecentos e dez milímetros. Foi um furacão ininterrupto que começou em 18 de março e só parou no dia 26. Os estragos produzidos por ele foram incontáveis na América, Europa, Ásia! Cidades foram destruídas, florestas

erradicadas, rios devastados por montanhas de água que se precipitavam como macaréus. Centenas de navios arremessados na costa, territórios inteiros nivelados por trombas que trituravam tudo em sua passagem, milhares de pessoas esmagadas sob a terra ou engolidas pelo mar: foram os testemunhos deixados pelo furacão após sua passagem, que ultrapassou em destruição os que arrasaram assustadoramente as ilhas de Havana, em outubro de 1810, e de Guadalupe em 26 de julho de 1825.

Mas, no exato momento em que tamanhas catástrofes devastavam terras e mares, outro drama, não menos surpreendente, acontecia nos ares tumultuados. Um balão, flutuando como uma bolha no topo de uma tromba e rodopiando com o impulso da coluna de ar, percorria o espaço com uma velocidade de 35¹ quilômetros por hora, girando em seu eixo como se tivesse sido perfurado por um redemoinho.

Abaixo do apêndice inferior desse balão havia um cesto com cinco passageiros, quase invisíveis em meio aos espessos vapores misturados à água pulverizada que se alastrava pela superfície do oceano.

De onde vinha aquele aerostato? De que lugar do mundo partira? É óbvio que não tinha saído durante o furacão, que já durava ao menos cinco dias, e os primeiros estragos apareceram no dia 18!

Os passageiros não dispunham de qualquer meio para conferir o trajeto percorrido desde a sua partida, pois estavam sem nenhum ponto de referência. Ao contrário, eles eram vítimas desse fato curioso de serem levados pela violência da tempestade sem serem diretamente atingidos por ela. Eles se deslocavam, giravam em seu eixo sem sentir nada da rotação ou do deslocamento horizontal. Seus olhos não conseguiam enxergar através do nevoeiro espesso que se acumulava debaixo do cesto e a opacidade das nuvens era tamanha que eles não podiam nem ao menos saber se era dia ou noite. Nenhum reflexo de luz, som de terras habitadas, ou barulho do oceano chegava até eles em meio à imensa escuridão, enquanto se mantinham nas zonas mais altas. A rápida descida foi a única maneira de torná-los conscientes dos perigos que corriam acima das águas.

¹ Isso a 46 metros por segundo ou 166 quilômetros por hora. (N.T.)

A ILHA MISTERIOSA

O balão, desprovido de objetos pesados como munição, armas, provisões, tinha subido até as camadas superiores da atmosfera, a uma altura de 4.500 pés. Os passageiros avistaram o mar debaixo do cesto e, considerando menos temíveis os perigos em cima do que embaixo, não hesitaram em se livrar dos objetos a bordo, mesmo os mais úteis, e procuraram não perder mais nada do fluido do dirigível que os sustentava bem em cima do abismo.

A noite passou em meio a preocupações que teriam sido fatais para almas menos resolutas. Então, outro dia raiou e o furacão demonstrou uma tendência a se moderar. Desde o início daquele dia 24 de março, surgiram sinais de calmaria. Ao amanhecer, nuvens carregadas retornaram às camadas mais altas do céu, rompendo e dispersando a tromba em poucas horas, e o vento passou de furacão a ventania.

Por volta das onze horas, foi possível constatar que o balão descia lentamente, em um movimento contínuo, para as camadas mais baixas do ar. Parecia que ele murchava aos poucos e que seu envelope se alongava à medida que se distendia, passando de esférico a ovoide.

Ao meio-dia, o aerostato estava apenas a dois mil pés acima do mar. Ele media cerca de mil e quinhentos metros cúbicos e, por causa de sua capacidade, tinha sido capaz de se manter no ar por um longo tempo, ou porque ele tinha alcançado grandes altitudes ou por ter se deslocado horizontalmente.

Os passageiros então jogaram fora os últimos objetos e provisões que ainda guardavam no cesto, inclusive os que enchiam seus bolsos. Era evidente que não conseguiam mais manter o balão nas zonas mais elevadas, porque o gás estava no fim. Eles estavam perdidos!

E não havia um continente ou uma ilha que se estendia abaixo deles. O espaço não fornecia um único ponto de aterrissagem ou uma superfície sólida para a âncora poder se fixar, mas apenas o imenso mar, cujas ondas rebentavam com uma violência incomparável. O oceano estava sem limites visíveis até para quem o dominava de cima e cujos olhos alcançavam um raio de sessenta e cinco quilômetros. A planície líquida, impiedosamente açoitada pelo furacão, deve ter aparecido como uma sobreposição

de ondas descontroladas sobre as quais tinha sido lançada uma vasta rede de cumes brancos. Nenhuma terra à vista, nenhum navio.

Era, portanto, necessário parar o movimento descendente, a fim de evitar que o aerostato fosse engolido pelas ondas, e era nessa operação que os passageiros do cesto trabalhavam com afinco. Mas, apesar de seus esforços, o balão continuava caindo, ao mesmo tempo em que se movia com extrema velocidade, seguindo a direção do vento: do nordeste ao sudoeste.

Que situação terrível a daqueles infelizes! É óbvio que já não controlavam o balão e que suas tentativas eram em vão. O envelope do balão se esvaziava, e o fluido escapava sem que fosse possível retê-lo. À uma da tarde, o cesto estava suspenso a cento e oitenta metros acima do oceano.

Com o esvaziamento do balão, os passageiros puderam permanecer suspensos no ar por algumas horas. Mas a inevitável catástrofe só estava sendo adiada, e se nenhuma terra aparecesse antes do anoitecer, tudo desapareceria sob as ondas.

A única manobra que restava fazer foi feita neste momento. Os passageiros eram pessoas resolutas que sabiam como encarar a morte e nada lamentaram. Estavam determinados a lutar até o último segundo, a fazer de tudo para atrasar a queda, pois não havia nenhuma possibilidade de manter o cesto de vime na superfície do mar caso caíssem.

Às duas horas, o aerostato estava a apenas quatrocentos metros acima das ondas. Foi então que a voz de um homem cujo coração desconhecia o medo foi ouvida. E as respostas não foram menos vigorosas.

– Estamos livres de tudo?

– Não! Ainda há dez mil francos em ouro!

Um saco pesado logo caiu no mar.

– O balão está subindo?

– Um pouco, mas não vai demorar muito até cair!

– O que ainda falta jogar fora?

– Nada!

– Na verdade, sim! O cesto!

– Vamos nos agarrar à rede e lançar o cesto ao mar!

De fato, esse era o único e derradeiro meio de deixar o aerostato mais leve. As cordas que ligavam o cesto à saia foram cortadas, e ele subiu mais seiscentos metros. Os cinco passageiros tinham se içado até os gomos acima da saia e se agarravam às malhas, olhando para o abismo.

Depois de se manter por um momento em equilíbrio nas camadas superiores, o balão começou a descer. Os passageiros tinham feito tudo o que podiam. E agora só contavam com a ajuda divina.

Às quatro horas, o balão estava a pouco mais de cento e cinquenta metros da água. Um latido alto foi ouvido. Um cão acompanhava os passageiros e ficou ao lado de seu dono nas malhas da rede.

– Top viu alguma coisa! – gritou um dos passageiros.

E imediatamente ouviram uma voz bradar:

– Terra! Terra!

O balão, que o vento ainda levava para o sudoeste, havia percorrido centenas de quilômetros desde o amanhecer, e uma terra razoavelmente extensa surgiu logo à frente.

Mas ela ainda estava a aproximadamente 50 quilômetros de distância na direção do vento e para chegar até lá, precisaria de mais uma hora, se não derivasse. Uma hora! O balão ainda teria fluido?

Tal era a terrível questão! Os passageiros viam claramente aquele ponto sólido que tinha de ser alcançado a todo o custo e mal sabiam para que parte do mundo o furacão os havia arrastado!

Às quatro horas, parecia evidente que o balão não podia mais se sustentar no ar e que ele quase tocava a superfície do mar. As cristas das ondas gigantes haviam lambido o fundo da rede diversas vezes, deixando o balão ainda mais pesado.

Meia hora depois, a terra firme estava a pouco mais de um quilômetro, mas o balão só conservava gás em sua parte superior. Os passageiros, agarrados à rede, ainda faziam muito peso, e, já quase mergulhados no mar, foram arrebatados pelas ondas. O envelope do aerostato se transformou em uma espécie de balsa, e o vento, soprando em sua direção, empurrou-o como a um navio. Dessa forma ele talvez conseguisse chegar à costa!

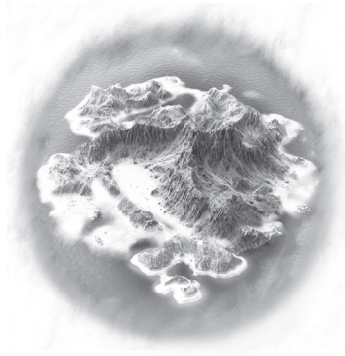
Ele estava a apenas a duzentos metros de distância quando todos os pulmões soltaram um grito terrível ao mesmo tempo. O balão, que parecia não ter como voar novamente, deu um salto inesperado depois de ser atingido por um forte golpe marítimo. Como se de repente tivesse sido despojado de uma nova parte de seu peso, ele subiu a uma altura de quatrocentos e cinquenta metros e encontrou uma espécie de redemoinho que, em vez de levá-lo diretamente para a costa, conduziu-o em uma direção paralela a ela.

Finalmente, dois minutos depois, o balão se aproximou obliquamente e caiu sobre a areia da costa, fora do alcance das ondas. Os passageiros conseguiram se desvencilhar das malhas da rede ajudando um ao outro. O balão, aliviado do peso, foi novamente arrastado pelo vento e desapareceu no espaço.

No cesto tinha cinco passageiros e um cachorro, mas o balão lançou apenas quatro na costa. O passageiro desaparecido certamente havia sido golpeado pela forte onda que atingiu as cordas, e foi isso que permitiu que o aerostato, mais leve, subisse uma última vez antes de chegar ao solo instantes depois.

Mal tinham os quatro náufragos – podemos chamá-los assim – posto os pés em terra firme e todos, pensando no ausente, começaram a gritar:

– Talvez ele esteja tentando chegar a nado. Vamos salvá-lo! Vamos salvá-lo!



Capítulo 2

Não eram aeronautas profissionais nem aviadores de expedições aéreas que o furacão tinha atirado na costa, mas prisioneiros de guerra cuja audácia os havia encorajado a fugir em circunstâncias extraordinárias. Estiveram umas cem vezes à beira da morte. Mas o céu lhes reservava um estranho destino, e, em 24 de março, depois de terem fugido de Richmond, sitiada pelas tropas do general Ulysses Grant, encontravam-se a onze mil quilômetros da capital da Virgínia, principal fortaleza dos separatistas durante a terrível guerra de Secessão. Voaram durante cinco dias.

Eis as curiosas circunstâncias em que ocorreu a fuga dos prisioneiros e que os conduziu à catástrofe que agora conhecemos.

Em fevereiro de 1865, em uma das frustrantes tentativas do general Grant de conquistar Richmond, vários de seus oficiais foram capturados e aprisionados pelo inimigo. Um dos mais ilustres prisioneiros pertencia ao Estado-Maior federal e se chamava Cyrus Smith.

Nativo de Massachusetts, ele era engenheiro, cientista de primeira categoria a quem o governo da União havia confiado, durante a guerra, a direção das ferrovias, cujo papel estratégico era primordial. Verdadeiro norte-americano, magro, ossudo, franzino, com cerca de quarenta e cinco anos, cabelos e bigodes já grisalhos. Tinha uma daquelas belas cabeças